



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS MEMBROS DO MOVIMENTO NEOCATECUMENAL

*Sala Paulo VI
Sexta-feira, 18 de Março de 2016*

[Multimídia]

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Sinto-me feliz por me encontrar convosco e agradeço-vos porque viestes tão numerosos. Transmito uma saudação especial aos que estão para partir! Recebestes a chamada para evangelizar: bendigo o Senhor por isto, pelo dom do Caminho e pelo dom de cada um de vós. Gostaria de ressaltar três palavras que o Evangelho vos confiou, como um mandato para a missão: *unidade, glória e mundo*.

Unidade. Jesus pede ao Pai a fim de que os seus sejam «perfeitos na unidade» (Jo 17, 23): deseja que sejam entre si «uma só coisa» (v. 22), como Ele e o Pai. Foi o seu último pedido antes da Paixão, o mais sentido: que haja comunhão na Igreja. A comunhão é essencial. O inimigo de Deus e do homem, o diabo, nada pode contra o Evangelho, contra a humilde força da oração e dos Sacramentos, mas pode fazer muito mal à Igreja tentando a nossa humanidade. Provoca a presunção, o julgamento sobre os outros, os fechamentos, as divisões. Ele mesmo é «o divisor» e com frequência começa por fazer acreditar que somos bons, até melhores do que os outros: assim tem o terreno pronto para semear o joio. É a tentação de todas as comunidades e pode insinuar-se também nos melhores carismas da Igreja.

Recebestes um grande carisma, para a renovação batismal da vida: com efeito, entra-se na Igreja através do Batismo. Todos os carismas são uma graça de Deus para aumentar a comunhão. Mas o carisma pode deteriorar-se quando nos fechamos ou nos orgulhamos, quando queremos distinguir-nos dos outros. Portanto é preciso conservá-lo. Conservai o vosso carisma! Como? Seguindo a via mestra: *a unidade humilde e obediente*. Se houver esta via, o Espírito Santo continua a agir, como fez em Maria, aberta, humilde e obediente. É necessário vigiar sempre o

carisma, purificando os eventuais excessos humanos mediante a busca da unidade com todos e a obediência à Igreja. Assim *respiramos na Igreja e com a Igreja*; deste modo permanecemos filhos dóceis da «Santa Mãe Igreja Hierárquica», com «o ânimo preparado e pronto» para a missão (cf. S. Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, 353).

Evidencio este aspecto: a Igreja é a nossa Mãe. Como os filhos trazem impressa no rosto a semelhança com a mãe, assim todos nós nos assemelhamos com a nossa Mãe, a Igreja. Depois do Batismo já não vivemos como indivíduos isolados, mas tornamo-nos *homens e mulheres de comunhão*, chamados a ser *agentes de comunhão* no mundo. Porque Jesus não só *fundou a Igreja para nós, mas fundou-nos como Igreja*. A Igreja não é só um instrumento para nós: nós somos Igreja. Dela renascemos, por ela somos nutridos com o Pão da vida, dela recebemos palavras de vida, somos perdoados e acompanhados a casa. Esta é a fecundidade da Igreja, que é Mãe: não é uma organização que procura seguidores, nem um grupo que vai em frente seguindo a lógica das suas ideias, mas uma Mãe que transmite a vida recebida de Jesus.

Esta fecundidade exprime-se através do ministério e da guia dos Pastores. Com efeito, também a instituição é um carisma porque afunda as raízes na mesma fonte, que é o Espírito Santo. Ele é a água viva, mas a água só pode continuar a dar vida se a planta for bem cuidada e podada. Saciai-vos na fonte do amor, o Espírito, e cuidai com delicadeza e respeito do inteiro organismo eclesial, especialmente das partes mais frágeis, para que cresça em conjunto, harmonioso e fecundo.

Segunda palavra: *glória*. Antes da sua Paixão, Jesus prenuncia que será «glorificado» na cruz: nela resplandecerá a sua glória (cf. *Jo* 17, 5). Mas é uma glória nova: a glória mundana manifesta-se quando somos importantes, admirados, quando possuímos bens e temos sucesso. Mas a glória de Deus revela-se na cruz: é o amor, que nela resplandece e difunde-se. É uma glória paradoxal: sem fragor, nem lucro nem aplausos. Mas só esta glória torna fecundo o Evangelho. Assim também a Mãe Igreja é fecunda quando imita o amor misericordioso de Deus, que se propõe e nunca se impõe. Ele é humilde, age como a chuva na terra, como o ar que respiramos, como uma pequena semente que produz o fruto no silêncio. Quem anuncia o amor só pode fazê-lo com o mesmo estilo de amor.

E a terceira palavra que ouvimos é *mundo*. «Deus amou de tal forma o mundo» que enviou Jesus (cf. *Jo* 3, 16). Quem ama não permanece distante, mas vai ao encontro. Vós ireis ao encontro de muitas cidades, em tantos países. Deus não se sente atraído pela mundanidade, aliás, detesta-a; mas ama o mundo que criou e ama os seus filhos no mundo assim como são, onde vivem, mesmo que estejam «distantes». Não será fácil a vida para vós nos países distantes, noutras culturas, não será fácil. Mas é a vossa missão. E fazeis isto por amor, por amor à Mãe Igreja, à unidade desta mãe fecunda: fazeis isto para que a Igreja seja mãe e fecunda. Mostrai aos filhos o olhar terno do Pai e considerai um dom as realidades que encontrareis; familiarizai com as culturas, as línguas e os costumes locais, respeitando-os e reconhecendo as sementes de graça

que o Espírito já lançou. Sem ceder à tentação de transplantar modelos adquiridos, *semeai o primeiro anúncio*: «O que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário» (Exort. ap. *Evangelii gaudium, 35*). É a boa nova que se deve sempre propagar, caso contrário a fé corre o risco de se tornar uma doutrina fria e sem vida. Evangelizar como famílias, vivendo a unidade e a simplicidade, já é um anúncio de vida, um bom testemunho, pelo qual agradeço muito. E agradeço-vos, em meu nome mas também em nome de toda a Igreja, este gesto de ir ao encontro do desconhecido e sofrer. Porque haverá sofrimento, mas também a alegria da glória de Deus, a glória da Cruz. Acompanho-vos e encorajo-vos, e peço-vos por favor que não vos esqueçais de rezar por mim. Permaneço aqui, mas com o coração vou convosco.